

OS IMPACTOS DA PANDEMIA POR COVID-19 NA SAÚDE MENTAL DE PROFESSORES: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA AGRÍCOLA DE BREJETUBA/ES

Gisele de Souza Zambon

Rodrigo Junior Martins de Backer

Thais Mengali Colle¹

Giovanna Carrozzino Werneck²

RESUMO

O presente trabalho busca conhecer os impactos da pandemia de Covid-19 na saúde mental de professores de uma escola agrícola, localizada no município de Brejetuba, Estado do Espírito Santo. Desse modo, utilizou-se como instrumento de produção de dados a entrevista semiestruturada aplicada a oito professores, objetivando compreender, pelas experiências individuais e coletivas, como foi para cada professor realizar e pensar o trabalho docente no período pandêmico. Aponta-se que os docentes não tiveram treinamento para utilizar as plataformas digitais no ensino remoto emergencial e que houve mudanças significativas na rotina de cada profissional, quando foi necessário um movimento na busca de se reinventar na atuação de ser professor. Todo esse processo afetou a saúde mental dos professores e mostrou a urgência da implementação da Lei 13.935/2019 pelos estados e municípios, a fim de tornar presente nas escolas a perspectiva crítica e humanizadora da Psicologia Escolar.

Palavras-Chave: Psicologia Escolar; saúde mental; docentes; Covid-19.

ABSTRACT

The present work seeks to know the impacts of the Covid-19 pandemic on the mental health of teachers of an agricultural school, located in the municipality of Brejetuba, State of Espírito Santo. Thus, the semi-structured interview applied to eight teachers was used as a data production instrument, aiming to understand,

¹Graduados em Psicologia pela Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim

² Mestra – Docente Multivix Cachoeiro de Itapemirim, gcarrow@gmail.com

through individual and collective experiences, how it was for each teacher to perform and think about the teaching work in the pandemic period. It is pointed out that the teachers did not have training to use the digital platforms in the emergency remote teaching and that there in the search to reinvent themselves in the performance of being a teacher. This whole process affected the mental health of teachers and showed the urgency of the implementation of Law 13,935/2019 by states and municipalities, in order to make present in schools the critical and humanizing perspective of School Psychology.

Keywords: School Psychology; mental health; Teachers; Covid-19.

1 INTRODUÇÃO

Ao realizarmos uma análise sobre o período pandêmico que acometeu o mundo em 2019 e, sobretudo, os efeitos causados na saúde pública compreendem-se que muitos foram os impactos negativos na saúde mental da população. Neste trabalho, busca-se conhecer os impactos da pandemia na saúde mental de professores de uma escola agrícola, pois compreende-se que foi imposto de forma repentina para estudantes e profissionais da educação um novo modelo de ensino, que exigiu uma reconstrução do fazer docente. Tal movimento ocorreu mediante a implementação de restrições sociais, sobretudo o isolamento social e a suspensão de aulas presenciais, o que impactou diretamente os alunos devido à ruptura da rotina de estudos e à falta de presencialidade em relação à escola, bem como os professores, em relação à ampliação das tarefas escolares, sobrecarga e o atraso no cronograma dos cursos. Além de haver sobrecarga de trabalho para os professores exigiu-se também de professores o desenvolvimento de habilidades e competências relativas às novas tecnologias em um espaço curto de tempo e o acesso a aparelhos com boa conexão à *internet*. Por conseguinte, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO³) posicionou-se postulando que esse movimento afetou significativamente metade dos

³Disponível em: <https://www.unesco.org/pt/covid-19/education-response>. Acesso em: 18 set. 2022.

estudantes no mundo, uma vez que fatores psicossociais como o medo, pânico, distanciamento de amigos e familiares implicam de forma negativa na saúde mental em diferentes níveis em professores e alunos na rede de ensino. Observa-se, portanto, a importância da pesquisa em questão, na qual serão analisados os impactos da pandemia na saúde mental dos professores em uma escola agrícola, de regime semi-internato, localizada no município de Brejetuba, Espírito Santo.

A pesquisa em questão, ao realizar um estudo de caso na Escola Família Agrícola de Brejetuba, busca responder: quais foram os impactos na saúde mental dos professores atuantes nessa instituição e quais foram as principais mudanças no processo ensino e aprendizagem, considerando a perspectiva dos professores? Tendo em vista que a escola de regime semi-internato no interior do município de Brejetuba possui como diferencial o modelo familiar e agrícola, quais foram às estratégias adotadas no período pandêmico pelos docentes para dar continuidade ao processo ensino e aprendizagem? Como eles se sentiram durante a pandemia? Como está sendo o processo pós-pandêmico de retorno às aulas presenciais?

2 MATERIAL E MÉTODOS

Em um primeiro momento, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, que compreende a produção de reflexões, por meio de materiais já elaborados, constituído, principalmente de livros e artigos científicos (GIL, 2018). Desse modo, os textos que contemplam o referencial teórico desta pesquisa foram publicados no período de 2007 a 2022, e, majoritariamente, apresentam relação com a pandemia por Covid-19 no contexto escolar.

Os lócus da pesquisa foi a Escola Família Agrícola, localizada no município de Brejetuba, Estado do Espírito Santo. A instituição foi escolhida por ser a escola onde uma das pesquisadoras estudou, havendo, portanto, um vínculo afetivo, e por tratar-se de uma escola de regime de semi-internato, que atende alunos do meio rural que, majoritariamente, possuem dificuldade de acesso à *internet*.

As entrevistas foram realizadas individualmente ao longo do mês de outubro de 2022 e todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Antes de realizar as perguntas da entrevista semiestruturada, foi fundamental realizar também uma pesquisa descritiva dos sujeitos a serem entrevistados, a qual possui como objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 2018). Para a finalidade de caracterização dos sujeitos da pesquisa, foram produzidas as seguintes descrições de cada professor entrevistado: gênero; idade; nível de escolaridade e formação; e disciplina lecionada. Dessa forma, após a caracterização dos sujeitos da pesquisa, foram feitas as perguntas que contemplavam a entrevista semiestruturada: Quais as principais mudanças que ocorreram na escola durante o período pandêmico? Quais foram às estratégias adotadas por você e pela escola para dar continuidade às aulas e atividades durante o período da pandemia? Como foi para você exercer seu trabalho de professor (a) na pandemia? Como se sentiu? Quais foram às dificuldades pelas quais você passou e como lidou com elas? A pandemia afetou a sua saúde? Como? Se for possível apontar lições/aprendizados/desafios desse período, quais foram?

Após a realização das entrevistas com os docentes, foi realizada a análise das respostas, por meio da Análise de Conteúdo que consiste, segundo Gil (2018), em uma técnica que possibilita a descrição do conteúdo manifesto e latente dos discursos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados a seguir tem como objetivo apresentar e analisar, em diálogo com o referencial teórico apresentando, os dados produzidos por meio das entrevistas semiestruturadas realizadas com todos os docentes da Escola família Agrícola de Brejetuba, totalizando oito professores, sendo quatro do gênero masculino e quatro do gênero feminino, com idade entre 33 e 64 anos. Dos oito professores, quatro possuem pós-graduação. Neste trabalho, esses profissionais encontram-se identificados pelas siglas E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8.

A primeira pergunta refere-se às mudanças que ocorreram na escola durante o período pandêmico. Ao trazer esse questionamento pode-se observar nas falas e olhares dos professores uma certa tristeza ao ter que recordar daquele momento, pois assim como a fala de E1, professora de matemática “O prejuízo foi grande, principalmente na aprendizagem”. Nos dois anos de pandemia os professores elaboraram apostilas, que eram encaminhadas aos alunos por meio do *WhatsApp*. Caso o aluno tivesse dificuldade em ter acesso às apostilas, ele poderia ir à escola para buscá-las na secretaria, que funcionou normalmente. Os professores também buscavam dar aulas *online* por meio do *Google Meet*, mas, devido à dificuldade de acesso à *internet*, poucos alunos participavam.

Pode-se observar que, para a professora de matemática (E1) e o professor de português (E3), houve uma maior dificuldade para conseguir ministrar os conteúdos de forma clara. E3 relatou:

Eu procurava fazer o que faço no ensino presencial, a explicação do mesmo jeito que explicaria presencialmente, a diferença é que tem que escrever tudo, detalhe por detalhe. Todo cuidado para escrever como se fosse uma aula presencial, colocar tudo no papel para que eles assimilassem (E3).

A fala de E3 remete-nos ao exposto por Barros *et al.* (2007), quando relacionam o trabalho como criação e não apenas como execução de tarefas, pois cada trabalhador executa de uma forma singular o que lhe é proposto. Desse modo, observa-se que mesmo sendo proposto para todos os professores o ensino remoto, ainda houve a (re) criação de uma nova maneira de ensinar, de promover a aprendizagem em condições precárias e com instrumentos pouco conhecidos pelos professores.

De forma geral, todos os professores responderam que não tiveram orientação para aprender a utilizar as plataformas *online* e foi necessário ir aprendendo aos poucos. E5, que leciona a disciplina de Biologia e Ciências, relatou: “Houve bastantes mudanças: primeiro, adaptar-se às novas tecnologias, e a adaptação de ficar em casa e ter uma rotina de estudos, tanto para a gente quanto para o aluno”.

Pode se observar deste modo, que houve a necessidade de aprender uma forma nova de ensinar e sobretudo adaptar-se a uma nova rotina. Para E1, o fato de não ter que deslocar-se para a escola diariamente e realizar o trabalho de

casa, mesmo sem treinamento, foi um grande desafio e levou-a a estabelecer uma rotina com novos horários no ambiente doméstico, que ultrapassavam a carga horária semanal. De acordo com Santos, Lima e Sousa (2020), a pressão aos professores para que realizassem todo o trabalho docente dentro de casa pode provocar ansiedade e sofrimento, principalmente quando se somam às crises do próprio momento pandêmico.

Sobre este fato, E1 mencionou que “[...] o *YouTube* foi nosso treinamento; não tínhamos quem ensinasse a mexer na plataforma, tivemos que aprender sozinhos”. A necessidade da realização do trabalho remoto, bem como a ausência de um treinamento adequado para esse novo modelo de ensino posto aos professores, possui estreita relação com o que Aguiar, Vieira e Valadares (2021) pontuam sobre o fechamento das instituições de ensino, em que é fundamental discutir sobre a sobrecarga dos educadores que precisaram atuar de forma remota e, conseqüentemente, discutir saúde mental e adoecimento psíquico de professores. Os mesmos autores discorrem que educadores, em sua maioria, tiveram que, de uma forma abrupta, aprender e se adaptarem a utilizar plataformas e dispositivos de comunicação remota sem preparo prévio, o que gerou o empobrecimento do trabalho pedagógico e a prevalência do conteudismo, gerando a sensação de impotência nos familiares e estudantes e o sentimento de incapacidade nos educadores.

Na visão de E2, professora que atuou como diretora no período da pandemia e atualmente leciona a disciplina de História e Geografia, as principais mudanças no ensino estavam relacionadas ao não preparo dos pais para auxiliar os filhos em relação aos estudos e à dificuldade dos alunos em estudarem fora do ambiente escolar sem a orientação direta dos professores.

Estava na direção, mas visualizei a falta de atendimento entre o professor e aluno. De certa forma, os pais não são os professores dos alunos, são apenas pais, porém essa responsabilidade caiu sobre os pais, e nem sempre as escolas estavam preparadas para atender todos os alunos e isso mudou toda a rotina da escola. Não imaginava tanto tempo de pandemia, tanto tempo dos alunos fora da sala de aula, porque a aprendizagem acontece dentro da sala de aula, por mais que diga que o aluno estudou, não, ele apenas passou pela escola, vejo que a rotina mesmo de estudar se cria na escola, na sala de aula (E2).

Ressalta-se que é preciso retirar das famílias o elemento culpabilizante pela dificuldade em auxiliarem seus filhos. Patto (1999) apresentava críticas ao

modelo positivista de Psicologia, que justificava o fracasso escolar e as dificuldades de aprendizagem por meio de determinismos sociais, contribuindo para modos de fazer individualistas, para os alunos, e culpabilizador, para as famílias.

A partir da fala da docente, é possível também dialogar com Cury (2020) acerca da valorização do trabalho dos professores e da importância da escola no período de pandemia, o que deixou em evidência os limites do ensino domiciliar preconizado por alguns políticos brasileiros.

Os professores apontaram que houve uma grande dificuldade para os alunos que não tinham acesso à *internet*: “[...] muitos alunos não tinham acesso e poucos participavam da aula *online*. Eram enviadas atividades para alunos e quem não tinha como receber por não ter *internet* ou computador, a escola disponibilizava o material impresso para os pais buscarem na escola” (E1). É possível evidenciar que o uso abrupto de novas tecnologias evidenciou e agravou o abismo de desigualdades em nosso país, pois “[...] muitos estudantes que não dispunham de recursos para acompanhar as aulas à distância (desde computadores com acesso à internet, até mesmo ambiente e alimentação adequados ao estudo) ficaram alijados do processo educacional” (CAMARGO; CARNEIRO, 2020, p. 5).

Pode-se também observar uma sobrecarga de tarefas quando a professora da disciplina de Agricultura, Zootecnia e Ciência e Tecnologia apontam:

A gente então lançava os materiais no *Google Sala de Aula* para os alunos e o governo terem acesso e continuava com *link* pelo *WhatsApp*. Tínhamos dois trabalhos. Toda semana tinha mudança [...]. Tudo em casa era muita coisa ao mesmo tempo (E8).

Conforme o exposto, depreende-se que não é possível separar o trabalho do sujeito e dessa forma torna-se importante refletir sobre os cenários de emergência como a pandemia por Covid-19, em que é elevado o grau de cobrança e a sensação de necessidade de dar conta de mais tarefas do que o habitual. Tal sobrecarga pode gerar sofrimento psíquico e afeta a saúde mental dos professores (CAMARGO; CARNEIRO, 2020). Portanto, é de suma importância lançar o olhar para a saúde mental dos docentes no período pandêmico, pois assim como relatado pelos docentes entrevistados, o ritmo do trabalho virtual se tornou mais intenso do que nas aulas convencionais (AGUIAR; VIEIRA; VALADARES, 2021), tendo sido impostas mudanças nas práticas de

atuação dos professores, que trouxeram alterações bruscas na rotina e comprometeram a saúde mental.

A terceira pergunta refere-se há como foi para os professores exercerem seu trabalho durante a pandemia e como se sentiram. Todos os professores acharam um momento difícil e único, que pode ser percebido pelo relato da professora E2: “Achei difícil demais, porque o contato físico com os alunos é a melhor coisa, o aprendizado é importante quando você tem empatia pelo outro, quando acompanha o processo de aprendizagem em todo seu percurso [...]”. Tal discurso dialoga com Santos, Lima e Sousa (2020):

Os (as) professores (as), ‘da noite para o dia’, tiveram que se descolar e deslocar-se de um cotidiano relativamente estável de preparação, realização e acompanhamento de aulas, para uma configuração de ensino e aprendizagem bastante diversa: o ensino remoto. [...]. Inventar um novo jeito de ministrar aula, sem um projeto de ação mais detalhado e sem as condições efetivas de trabalho [...] (SANTOS; LIMA; SOUSA, 2020, p. 1.640).

Apesar de considerarem um período difícil, os professores E1 e E3 apontaram pontos positivos. E1 relatou que, atualmente, não possui medo. Ele mencionou que teve que aprender ou aprender, isto é, não teve escolha e isso fez com que não sentisse medo diante dos desafios e aprendeu a utilizar ferramentas que antes não tinha costume. Deste modo, Cipriani, Moreira e Carius (2021) apontam que a necessidade de se reinventar, de ressignificar práticas e o incentivo à criatividade foram reforçados no cotidiano educacional, em tempos de pandemia. Ressaltamos que tal busca pela ressignificação de práticas inserida em um contexto pandêmico também pode ser marcada por sofrimento, angústia e medo, comprometendo a saúde mental de professores.

A quarta pergunta buscou identificar as dificuldades pelas quais os professores passaram e como lidaram com elas. A maior dificuldade apresentada foi em relação ao ensino e aprendizagem e ao fato de não terem retorno por parte dos alunos. Os professores E1 e E6 trouxeram que: “A dificuldade maior foi pela tecnologia; ter que preparar uma aula e ensinar de forma remota, ainda mais matemática, uma disciplina na qual os alunos têm dificuldade” (E1); “A maior dificuldade foi essa, não ter o retorno, enviar para as famílias as atividades, mas não tinham retorno, ter que fazer relatórios, mostrar resultado sem ter contato” (E6). Diante dos relatos de dificuldade pode-se entender, segundo Santos, Lima e Sousa (2020), que:

Embora as orientações oficiais tenham amparo na justificativa da garantia do direito à educação, as soluções encontradas apontam na direção oposta, uma vez que, na gramática escolar da pandemia, a aprendizagem é compreendida, em muitos casos, circunscrita à realização e entrega de atividades, particularmente, para aqueles estudantes que não têm acesso às novas tecnologias. Desconsideram-se, dessa forma, todos os demais aspectos ligados ao processo, seu sentido amplo e humanístico de prática social, de mediação, de interação, de coletividade (SANTOS; LIMA; SOUSA, 2020, p. 1.637).

Quando questionados sobre os possíveis impactos sofridos em sua saúde, metade deles disse que foi afetada consideravelmente devido à pandemia e às novas condições de trabalho. E1 relatou que se sentiu assustada, pois eram muitas coisas acontecendo: adaptação à nova rotina, não poder sair de casa, sobrecarga de trabalho. E1 disse que buscava esporadicamente ir à casa de um familiar no interior do estado para se sentir mais livre. Assim, ela conseguia lidar melhor com a situação. A professora E2 também descreveu que os principais impactos em sua saúde mental eram decorrentes das incertezas trazidas pela pandemia. Ela acrescentou que a pandemia afetou também os alunos e outros professores: “Havia muitas incógnitas. A gente não sabia como seria o dia de amanhã. Ansiedade elevada [...] Os adolescentes sofreram ainda mais: não sabiam o que viria pela frente, ficaram isolados, o que gerou ansiedade, falta de perspectiva” (E2).

Os professores E4 e E5 relataram que se sentiam com medo constantes, principalmente por estarem recebendo notícias sobre pessoas morrendo devido à Covid-19, pessoas próximas, como familiares e amigos, ou pelas notícias vistas pela TV ou *internet*. O professor E7 disse que teve Covid-19 e que precisou passar um período internado, apresentando sequelas como dor nas costas e problema de dicção, mas, quando foi perguntado diretamente sobre sua saúde mental, ele afirmou que não foi afetado. Porém, observando as falas do mesmo professor em outros momentos, podemos observar que ele, possivelmente, sentiu-se afetado, principalmente quanto a sua autoestima, quando ele disse, após ser perguntado como foi dar aula no período de pandemia:

[...] um zero à esquerda [...] não poder fazer muita coisa, 80% da minha aula é prática, e é muito complicado fazer isso de forma *online*, não tinha retorno dos alunos, eu via os professores de outras matérias, (como) português (e) matemática tendo retorno dos alunos e eu não

me sentíamos fracassado. [...] me sentia 'menor que os outros', 'será que estou fazendo meu trabalho bem feito?' (E7).

Esse mesmo padrão, de não perceber sua saúde mental como afetada, pode ser observada nos outros entrevistados, pois assim como E7, analisando as falas dos outros professores, vemos descrições como “[...] sempre um falava para o outro, um dia de cada vez, não adianta ficar doido, apavorar, tinha hora que a gente surtava, mas depois acalmava” (E8). Isso demonstra uma falta de percepção sobre a própria saúde mental, ou mesmo o desconhecimento do que de fato se trata a expressão “saúde mental”.

Em relação à última pergunta da entrevista, relacionada às possíveis lições e aprendizados da pandemia, dois temas emergiram: a valorização da vida e os novos aprendizados. Abordando a questão da valorização da vida, E1, E6 e E7, respectivamente, relataram: “A maior lição foi aprender a valorizar as pessoas ao redor, a família e a saúde.”; “Importância do relacionamento, da interação um com o outro, valorizar esses momentos, porque a gente viu o quanto é importante poder estar com o outro”; “[...] valorizar mais a vida, o colega de trabalho, o que é bom ao nosso redor, perdi amigos e parentes que fazem falta.”

O outro grupo de respostas, que trouxe perspectiva mais técnica e profissional, focada nos novos aprendizados, pode ser sintetizado na reflexão de E2:

A gente tem que aprender a se reinventar, que é um grande desafio, buscar novas tecnologias e meios de ensinar, antes estava na zona de conforto, com a pandemia tivemos que nos reinventar, correr atrás, sair da zona de conforto em busca do novo. Aprender a lidar com tudo isso que foi novidade.

Segundo Barros *et al.* (2007), na escola são vividos muitos conflitos que falam de modos diferentes no que se refere ao pensar o trabalho educacional. Por conseguinte, as autoras relatam que o fato de existir essa reflexão sobre o próprio trabalho é resultante do que define o ser humano, ou seja, a capacidade de criar, de propor alternativas. Assim sendo, “[...] onde há trabalho humano, há variabilidade, criação, gestão, história. Em toda atividade de trabalho, há uma pluralidade de registros ou elementos que são articulados” (BARROS *et al.*, 2007).

Dessa forma, analisando a educação e a saúde mental no período da pandemia, observa-se que resultaram em intensas instabilidades nas relações humanas e rupturas no (do) cotidiano, pois o ritmo do trabalho virtual se tornou

mais intenso do que nas aulas convencionais, exigindo dos professores mudanças de práticas que ocasionaram em sofrimento e, possivelmente, em adoecimento mental. Sendo assim, o trabalho remoto sobrecarregou professores, resultando em ansiedade, estresse e outros sintomas que possuem relação com a saúde mental, os quais estiveram em alto índice entre os professores no período da pandemia (AGUIAR; VIEIRA; VALADARES, 2021).

Postula-se que é de fundamental importância repensar os processos educacionais no pós-pandemia a partir do debate democrático e participativo, da ampliação de investimentos na educação, e da construção coletiva de ações em prol da gestão do trabalho educacional, do processo ensino e aprendizagem, e da humanização das políticas públicas, sob pena de em excluídos, ainda mais, crianças e adolescentes de classes mais desfavorecidas e professores em sofrimento psíquico. Na visão do autor supracitado, é preciso investigar quais serão os efeitos desse período pandêmico nas formas da subjetivação e seus impactos nos processos de escolarização.

O cenário de incertezas, vivenciado na pandemia por Covid-19, no Brasil, e a má gestão da crise pelo governo brasileiro, gerou ainda mais desempregos, caos na saúde, prejuízos educacionais, que refletiram diretamente na saúde mental de docentes. Ao mesmo tempo, oportunizou novos aprendizados a partir do uso de novas tecnologias, que podem ser incorporadas de forma sistematizada ao processo ensino e aprendizagem, considerando a obrigação do Estado em fornecer a formação continuada para esses profissionais e o acesso à *internet* de qualidade, por meio de inclusão digital.

Diante desse cenário e no contexto atual pós-pandemia, buscam-se na Psicologia ações coletivas que possam contribuir para o enfrentamento das questões relativas ao processo de escolarização e ao suporte emocional à comunidade escolar (SILVA *et al.*, 2021). Por conseguinte, o desafio do psicólogo escolar está em promover coletivamente espaços de solidariedade, de escuta qualificada, de humanização das relações e processos, contando com o apoio das redes de proteção e com a participação de equipes multiprofissionais. Dessa maneira, cabe ao psicólogo escolar

[...] buscar instrumentos para apoiar o progresso acadêmico adequado do aluno, respeitando diferenças individuais, desenvolvendo atividades direcionadas com alunos, professores e funcionários e atuando em parceria com a coordenação da escola, familiares e profissionais que

acompanham os alunos fora do ambiente escolar (SILVA *et al.*, 2021, p. 496).

Assim, a Psicologia Escolar vem também, neste período pós-pandêmico, buscando a (re) significação de seu fazer, de modo a contribuir na construção coletiva de ações no contexto escolar em prol de uma educação efetivamente emancipatória, humanizadora e transformadora, pautada pelos Direitos Humanos. Ressalta-se que, considerando os desafios pós-pandemia e o contexto brasileiro atual, a Psicologia Escolar também tem o compromisso ético-político de fomentar processos educacionais que se interponham ao avanço do neoliberalismo e da fascistização das relações no Brasil (BRASIL, 2019).

Urge, portanto, que a Psicologia Escolar esteja presente nas escolas com sua perspectiva crítica e humanizadora, colaborando para a criação de espaços de escuta e acolhimento, potencializando recursos psicossociais para minimizar os impactos advindos da pandemia. Para tanto, é urgente a organização da sociedade civil, no sentido de demandar dos estados e municípios a implementação da Lei 13.935/2019, a qual prevê que as redes públicas da Educação Básica devem contar com os serviços de trabalhadores da Psicologia e do Serviço Social, para atender às necessidades e prioridades definidas pelas políticas públicas educacionais, em intersectorialidade com a saúde.

4 CONCLUSÃO

A pandemia da Covid-19 foi declarada em 2020, sendo o Coronavírus um vírus altamente contagioso. Medidas de controle tiveram de ser adotadas, como o isolamento social, o fechamento por um período de estabelecimentos não considerados prioritários, e, no campo da educação, o fechamento das escolas com atividades ministradas pelo sistema de ensino remoto emergencial.

Com base na pesquisa realizada sobre os impactos da pandemia na saúde mental dos professores da Escola família Agrícola de Brejetuba, no Estado do Espírito Santo, foi constatado que os professores tiveram sua saúde mental afetada, mesmo que, em alguns casos, sem ter consciência de tal fato. Houve relatos de sintomas ansiosos, medo, angústia, insegurança, solidão, dentre outros sentimentos que podem implicar em um comprometimento da saúde mental. Aqueles que residem na zona rural relataram que não sentiram a saúde

mental afetada, pois tinham mais liberdade para transitar, havia menos contato social e, possivelmente, mais contato com a natureza.

Durante a pandemia, os professores tiveram que se adaptar a uma nova rotina e a novos formatos de ministrar a aula e dar prosseguimento ao processo ensino e aprendizagem, muitas vezes sem orientações e formação para o uso de novas tecnologias. Houve, portanto, um aumento do trabalho, que passou a ser realizado exclusivamente em casa, o que acarretou sobrecarga. Ao perceber que a nova forma de ensinar não era suficiente para o aprendizado dos alunos, os professores apresentaram-se frustrados e preocupados com o futuro dos educandos. Ressalta-se que, a maneira como o processo ensino e aprendizagem foi desenvolvido no Brasil acentuou o cenário de desigualdades já existente na sociedade brasileira.

Aponta-se também a importância de realizar uma análise acerca da invasão das escolas nas casas que vem revelando a importância do valor profissional dos trabalhadores da educação, deixando em evidência os limites de um ensino doméstico e do ensino domiciliar (*homescholling*), preconizado por projetos de lei em todo o país propostos por setores da extrema-direita brasileira⁴, os quais foram declarados inconstitucionais pelo Supremo Tribunal Federal (CURY, 2020).

Diante do cenário exposto, urge a implementação da Lei 13.935/2019 e de políticas públicas que retomem o paradigma da humanização e a intersectorialidade efetiva entre saúde e educação, desconstruídos nos últimos anos por políticas neoliberais.

5 REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ana Caroline Inácio de Alencar; VIEIRA, Elivelton Cardoso; VALADARES, Millena Vaz da Costa. Laços e nós: a atuação do psicólogo escolar educacional na saúde mental dos professores diante da pandemia do novo coronavírus (Covid-19). *In*: NEGREIROS, Fauston; FERREIRA, Breno de

⁴ O ensino domiciliar foi declarado inconstitucional pelo Supremo Tribunal Federal, em 2018, porém há um projeto em tramitação no Senado Federal. Disponível em: <https://www.apufsc.org.br/2022/05/30/homeschooling-pode-esbarrar-novamente-no-stf/>; Acesso em: 22 set. 2022.

Oliveira (Orgs.). **Onde está a psicologia escolar no meio da pandemia?** São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. p. 328-346.

BARROS, Maria Elizabeth Barros de *et al.* Saúde e trabalho docente: a escola como produtora de novas formas de vida. **Trabalho, Educação e Saúde**, v.5, n. 1, p. 103-124, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tes/a/GF5t49jxCkSQxRWpnsnmn5Gd/?lang=pt>>. Acesso em 15 set. 2022.

BRASIL. CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação de psicólogos (os) na educação básica**. 2. ed. Brasília: CFP, 2019. Disponível em <https://sítio_virtual.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/08/EducacaoBASICA_web.pdf>. Acesso em: 30 set. 2022.

_____. **Lei 13.935, de 11 de dezembro de 2019**. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. Brasília: Planalto. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13935.htm. Acesso em: 19 set. 2022.

CAMARGO, Nájila Cristina; CARNEIRO, Pedro Braga. Potências e desafios da atuação em psicologia escolar na pandemia de Covid-19. **Cadernos de Psicologias**, Conselho Regional de Psicologia do Paraná, Curitiba, n. 1, 2020, p. 1-10. Disponível em: <https://cadernosdepsicologias.crppr.org.br/potencias-e-desafios-da-atuacao-em-psicologia-escolar-na-pandemia-de-covid-19/>. Acesso em: 07 out. 2022.

CIPRIANI, Flávia Marcele; MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CARIUS, Ana Carolina. Atuação docente na educação básica em tempo de pandemia. **Educação & Realidade**, v. 46, n. 2, 2021, p. 1-24. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/edreal/a/tqLcF8PZfsBxsyF3ZKpyM9N/?lang=pt>>. Acesso em: 21 out. 2022.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Educação escolar e pandemia. **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 8-16, 2020. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/23749> .

Acesso em: 16 set. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2018.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

SANTOS, Elzanir dos; LIMA, Idelsuite de Sousa; SOUSA, Nádia Jane. “Da noite para o dia” o ensino remoto:(re) invenções de professores durante a pandemia. **Revista brasileira de pesquisa (auto) biográfica**, v. 5, n. 16, p. 1632-1648, 2020. Disponível em <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/9178>>. Acesso em: 17 out. 2022.

SILVA, Denise de Carvalho *et al.* Desafios na educação em tempos de pandemia: contribuições da psicologia escolar. *In*: NEGREIROS, Fauston; FERREIRA, Breno de Oliveira (Orgs.). **Onde está a psicologia escolar no meio da pandemia?** São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. p. 492-517.

